**SEMENTES CRIOULAS E A SOBERANIA ALIMENTAR EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS**

**RESUMO**

**Introdução:** As sementes crioulas são sementes selecionadas há milhares de anos pelos agricultores tradicionais através de seleção artificial, onde os agricultores a cada plantio retiram as melhores sementes e guardam de forma natural para serem plantadas no ano seguinte. **Objetivo:** Esse trabalho tem como objetivo relatar a importância das sementes crioulas para a soberania alimentar em comunidades quilombolas. **Materiais e métodos:** Trata-se de um estudo do tipo transversal descritivo. Realizado durante as aulas práticas do modulo de Práticas de Ensino na Comunidade. **Resultados e discussão:** Na primeira visita a comunidade Sitio Alto, a anfitriã Dona Josefa relatou ao grupo o princípio da origem das comunidades quilombolas. De acordo com seu relato eles foram escravizados e trazidos pelos colonizadores para o nosso país. Até que então, precisaram fugir para conquistarem a sua liberdade, a partir daí espalharam-se pelas redondezas até chegarem ao Sítio Alto. Na segunda visita foi possível perceber a variedade de plantações existentes. Além disso, o método de plantio e cultivo mostrou-se bem manual, sem o uso de tecnologias avançadas, ou seja, são técnicas herdadas dos seus ancestrais e que perpassam até os dias atuais, passando assim de geração em geração. **Conclusão:** As atividades desenvolvidas pelas famílias quilombolas são uma oportunidade de mostrar para sociedade e órgãos públicos a possibilidade de articular grupos locais e também de fortalecer as estratégias de produção de sementes crioulas, melhoria da geração de renda, garantindo a biodiversidade e os recursos genéticos locais.

**Palavras-chave:** Segurança Alimentar e Nutricional, Saúde Pública, Grão Comestível.

**1. INTRODUÇÃO**

Historicamente a agricultura brasileira é marcada por diversos ciclos voltados para a produção de sementes em grandes escalas. Entretanto, para obter um grande nível de produtividade fez-se necessário a busca por métodos que pudessem melhorar a sua produção através do uso de defensivos agrícolas e do uso de transgênicos, que são sementes geneticamente modificadas com o intuito de adquirir melhores características em comparação a semente natural, como por exemplo a maior adaptabilidade a variação do clima (SANTOS et al., 2017).

De acordo com Pelwing, Frank e Barros, (2008) a Revolução Verde foi uma das responsáveis pela perda de grande parte da diversidade e variabilidade das plantas cultivadas devido a transformação de agroecossistemas em monocultivos de variedades de estreita base genética. Contudo, nos dias atuais ainda existem um número considerável de propriedades rurais que mantêm plantas cultivadas que só foram melhoradas pelas mãos de agricultores. Essas plantas são denominadas como: variedades tradicionais, antigas, caseiras ou crioulas.

As sementes crioulas são sementes selecionadas há milhares de anos pelos agricultores tradicionais através de seleção artificial, onde os agricultores a cada plantio retiram as melhores sementes e guardam de forma natural para serem plantadas no ano seguinte. Essas sementes detêm a maior variabilidade dentre as plantas cultivadas, elas são mantidas em grande parte em bancos de sementes de agricultores de todo o mundo (SANTOS et al., 2017).

Santos e Santos (2015) relatam que o conceito de Soberania Alimentar causou um grande impacto na época em que foi lançado. Isso aconteceu porque o conceito foi definido em um momento em que existia um acirramento da luta de classes, e em meio às crises econômicas. O conceito de Soberania Alimentar ficou definido como:

O direito dos povos a definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e de gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher desempenha um espaço fundamental” (SANTOS; SANTOS, 2015).

Essas variedades são altamente adaptadas aos locais onde são conservadas e manejadas, e fazem parte da autonomia familiar, constituindo um fator preponderante para a segurança alimentar dos povos, principalmente para os pequenos agricultores da agricultura familiar e para os povos quilombolas. As sementes crioulas proporcionam autonomia para o agricultor, pois na época do plantio nas roças, eles não precisam comprar as sementes. Além disso, elas também são um meio de preservar a cultura e tradição da comunidade. (MACHADO; SANTILLI; MAGALHÃES, 2008). A partir disso, esse trabalho tem como objetivo relatar a importância das sementes crioulas para a soberania alimentar em comunidades quilombolas.

**2. MATERIAIS E MÉTODOS**

Trata-se de um estudo do tipo transversal descritivo. Realizado durante as aulas práticas do modulo de Práticas de Ensino na Comunidade (PEC) I, organizado pelo Departamento de Educação em Saúde da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Antônio Garcia Filho, localizado na cidade de Lagarto, interior do estado de Sergipano, Brasil.

Realizou-se visitas a duas comunidade quilombola ambas localizadas no Estado de Sergipe. A primeira foi a comunidade quilombola do Sítio Alto, localizada na cidade de Simão Dias, Sergipe, Brasil. Os viventes foram recebidos por Dona Josefa, líder da comunidade, que facilitou todos espaços desenvolvidos: apresentação do território, relato de histórias de antepassados e, por fim, foi apresentado o banco de sementes crioulas, enfatizada no presente trabalho.

A segunda foi a comunidade quilombola Campo do Crioulo, localizada no interior de Lagarto. Nessa última comunidade foi possível conhecer mais de perto os moradores e profissionais da saúde que trabalhavam naquela localidade. Além do mais, também foi possível realizar ações voltadas para a promoção da saúde e para o empoderamento tanto dos indivíduos quanto do coletivo.

**3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na primeira visita a comunidade Sitio Alto, a anfitriã Dona Josefa relatou ao grupo o princípio da origem das comunidades quilombolas. De acordo com seu relato eles foram escravizados e trazidos pelos colonizadores para o nosso país. Até que então, precisaram fugir para conquistarem a sua liberdade, a partir daí espalharam-se pelas redondezas até chegarem ao Sítio Alto, onde residem atualmente.

Devido ao tom de pele escuro os quilombolas sofreram vários tipos de discriminação, porém nenhuns desses preconceitos fizeram com o que o povo quilombola se desanimassem. Ela mencionou ao grupo que em vez de se entristecerem eles cantavam, dançavam, criavam rimas e agradeciam a Deus por determinadas situações, pois aquilo significava que Deus queria ensina-lhes algo ou até mesmo livra-los de algum mal. Em um trecho recitado por Dona Josefa ela afirma que: “saúde é alegria, é fé, é agradecimento, é amor”.

Dona Josefa apresentou-nos a comunidade e as suas heranças culturais, tais como: o banco de sementes. Durante anos os seus antepassados separavam e guardavam as melhores sementes de variados tipos de grãos, com o intuito que suas futuras plantações fossem de espécies naturais e sem mutações genéticas. Atualmente o banco de semente daquela comunidade reúne mais de 20 espécies diferente de milho, outras variedades de sementes de feijão, além de outras espécies de grãos diversificados.

Na segunda visita foi possível perceber a variedade de plantações existentes naquela localidade. Seja desde da plantação de milho até a plantação de mandioca e outras espécies. Além disso, o método de plantio e cultivo mostrou-se bem manual, sem o uso de tecnologias avançadas, ou seja, são técnicas herdadas dos seus ancestrais e que perpassam até os dias atuais, passando assim de geração em geração.

De acordo com Leão (2013) A alimentação adequada é um direito humano previsto na Constituição Federal. Esses direitos não podem ser tirados, nem cedidos voluntariamente por ninguém independentemente da legislação nacional, estadual, municipal ou especifica. Isso significa dizer que as pessoas devem estar livres da fome e da desnutrição além, de ter acesso a uma alimentação adequada e saudável e que esses alimentos sejam seguros e saudáveis, em quantidade e qualidade adequadas e suficientes, correspondentes às tradições culturais do seu povo e que garantam uma vida livre do medo, digna e plena (BRASIL, 2010).

[...]Aqui a gente planta de tudo. Aqui tem feijão de corda, carioca, rosinha tem também batata, mandioca, milho e outros alimentos para o nosso consumo. A nossa renda vem da nossa plantação. Aquilo que a gente planta a gente come e vende [...] (Senhor Eduardo).

De acordo com o relato do Senhor Eduardo, vermos um sentimento de pertencimento a esse lugar. Em que os indivíduos se apropriam do território, e dele fazem sua morada. Lacerda e Mendes (2018), relatam que através da territorialidade, o próprio território assume sua própria identidade e que nesse lugar ele vivem e produz.

A agricultura familiar é a maior produtora de alimentos básicos para o país. É um lugar onde se passa o conhecimento de geração para geração com uma particularidade incrível de preservação e conservação do seu material genético (sementes). Além disso, agricultura de pequeno porte ensina aos indivíduos a viverem e a conviverem perfeitamente e harmoniosamente com todos os recursos provenientes da natureza desde o cultivo até a colheita (ZIEMBOWICZ et al., 2007).

Aqui a gente tem segurança alimentar, pois a gente sabe o que planta, sabe de onde vem e principalmente o que foi usado durante o plantio de cada semente. Aqui é tudo natural (Dona Josefa).

As sementes crioulas trazem consigo a capacidade de fornecer grãos dos quais permitem uma nutrição adequada às necessidades fisiológicas dos indivíduos, além de respeitar os aspectos culturais, ou seja, conferindo assim aos grupos soberania alimentar. A construção da luta pelas sementes crioulas como direito dos povos se dá no contexto de ineficácia do modelo produtivo e sistema agroalimentar construídos pela produção com as sementes híbridas e transgênicas para os grupos camponeses e para a sociedade (RIBEIRO, et al., 2017).

O uso das sementes híbridas e transgênicas e a consequente simplificação dos ciclos biológicos estendeu-se aos hábitos e dieta alimentares afetando produtores e consumidores. Os saberes e sabores, promovidos por uma alimentação saudável e balanceada, que pode ser conquistada com o uso de variedades crioulas, torna-se uma das principais alternativas para reverter o problema da fome (RIBEIRO, et al., 2017).

De acordo com Ribeiro et al. (2017) a soberania alimentar envolve a capacidade das populações no campo produzirem seu próprio alimento, além de terem o controle sobre a sua alimentação e o abastecimento local.

Deixar de prover o próprio alimento é colocar a própria autonomia de qualquer agrupamento humano em risco ou dependente de terceiros, daí falar-se também em soberania alimentar. O controle do fluxo de alimentos é, assim, controle dos fluxos de energia e, como tal, de enorme importância estratégica (RIBEIRO, et al., 2017).

Dessa forma, considera-se que a soberania alimentar é um aspecto-chave para a permanência dos agricultores em suas propriedades. E que as sementes crioulas são importantes para quebrar os paradigmas produtivos e aparatos ideológicos que vêm provocando alterações na forma de alimentação e na qualidade da dieta dos povos (RIBEIRO et al., 2017).

**4. CONCLUSÕES**

O banco de sementes crioulas é muito importante para a preservação das inúmeras variedades de grãos, bem como para a manutenção e da continuidade das práticas e da cultura quilombola que até os dias atuais os seus ancestrais perpassam esse conhecimento de geração em geração, para que essa prática não se acabe.

As atividades desenvolvidas pelas famílias quilombolas são uma oportunidade de mostrar para sociedade e órgãos públicos a possibilidade de articular grupos locais e também de fortalecer as estratégias de produção de sementes crioulas, melhoria da geração de renda, garantindo a biodiversidade e os recursos genéticos locais.

Além do mais, essa pratica contribui para a segurança alimentar e nutricional nas comunidades quilombolas. Visto que, os próprios quilombolas detém as sementes que serão cultivadas pelos indivíduos da sua comunidade. Nesse contexto, é evidenciado pelas comunidades quilombolas a perspectiva da relação ambiente – saúde, fato este que contribui para a promoção da saúde nessas localidades e para a conservação dos territórios saberes e cultura desse povo.

**6. REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Saúde. **Dialogando sobre o direito humano à alimentação adequada no contexto do SUS**. – Brasília: Ministério da Saúde, pag. 72. 2010.

LACERDA, R. dos S.; MENDES, G. Territorialidades, saúde e ambiente: conexões, saberes e práticas quilombolas em Sergipe, Brasil. **Sustainability in Debate/Sustentabilidade em Debate**, v. 9, n. 1, 2018.

LEÃO, M. **O direito humano à alimentação adequada e o sistema nacional de segurança alimentar e nutricional**– Brasília: ABRANDH. pág. 263. ISBN 978-85-63364-06-7. 2013.

MACHADO, A. T.; SANTILLI, J.; MAGALHÃES, R. A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas. **Embrapa Cerrados-Livro científico (ALICE)**, 2008.

RIBEIRO, W. M. et al. Sementes crioulas: autonomia, identidade e diversidade dos grupos camponeses em Orizona e Vianópolis-GO. 2017.

SANTOS, M. S. et al. SEMENTES CRIOULAS: SUSTENTABILIDADE NO SEMIÁRIDO PARAIBANO. **AGRARIAN ACADEMY**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.4, n.7, 2017.

PELWING, A. B.; FRANK, L. B.; BARROS, I. I. Sementes crioulas: o estado da arte no Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 46, n. 2, p. 391-420, 2008.

VALENTE, F. L. S. Direito Humano à Alimentação – desafios e conquistas. 1ª ed. São Paulo, 2002. 172p.

ZIEMBOWICZ, J. A. et al. Sementes crioulas: segurança alimentar pela diversidade. **Cadernos de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007.